

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

## 2

*Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)*



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

## 2

*Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)*



**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Luiza Batista

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

#### **Editora Chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

#### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### **Conselho Editorial**

##### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira 2

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores** Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A838 Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira 2 [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Teresa Ribeiro Pessoa, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-205-0

DOI 10.22533/at.ed.050202107

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Pessoa, Maria Teresa Ribeiro. III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da.

CDD 379.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, apresentamos a vocês o volume 2 da Coletânea, “Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira”, uma obra que totaliza 71 artigos e 3 volumes com textos diversos e plurais que discutem a educação a partir de várias perspectivas. Este volume está organizado em dois eixos com 12 artigos cada um, que mostram a conjuntura de investigações que foram desenvolvidas em vários contextos do Brasil, expandindo assim, a reflexão filosófica e o pensamento científico a partir da perspectiva educacional.

A Educação brasileira no cenário atual parece seguir sem perspectivas de avanços, haja vista a falta de políticas públicas educacionais que dialoguem com um Brasil de muitas dimensões e diversidades. Esse cenário, clama pela valorização da educação e dos seus atores, e de um alargamento de diálogos entre o sistema político, universidades e outros organismos vinculados à educação. Diante o exposto, inferimos que: trabalhos como esses apresentados no volume 2 desta Coletânea, mostram o potencial científico e de intervenção social que advém das investigações desenvolvidas nos liames da educação.

Nessa direção, o volume 2 da Coletânea, estabelece uma teia dialógica que perpassa pela educação, promovendo a integração de termos que direcionam o pensar e a reflexão científica rumo aos contextos - histórico, político, cultural e social -, dos quais pontuamos: aprendizagem, currículo, democratização, desenvolvimento profissional, desigualdade, direitos humanos, educação, ensino, formação de professores, gestão, história, política, entre outros. Com isso, desejamos a vocês uma boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Maria Teresa Ribeiro Pessoa

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

## SUMÁRIO

### EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM FOCO - PARTE I

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO A IDENTIDADE E ROMPENDO O PRECONCEITO ATRAVÉS DA LUDICIDADE	
Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria Fernanda Pereira da Silva Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A BNCC	
Reginaldo Aparecido de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
EDUCAÇÃO SEXUAL E ESTUDO DE ESTATÍSTICA COMO MEIOS DE EMPODERAMENTO FEMININO	
Polyana Perosa Mirella Aguiar da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>25</b>
ENSINO DE SOCIOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOCIOLÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTÁGIO CURRICULAR NAS ESCOLAS PÚBLICA ESTADUAIS NO SUDOESTE BAIANO	
Valdívia Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
ENSINO PROFISSIONAL SIGNIFICATIVO: A METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS COMO DIFERENCIAL	
Gerson dos Santos Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL DESPROVIDA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL, É POSSÍVEL?	
Jonatan Pereira da Silva Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti José Santos Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DIFERENÇAS INDIVIDUAIS EM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: O CASO DE UM INSTITUTO FEDERAL BRASILEIRO	
Cicero Eduardo de Sousa Walter Paulo Jordão de Oliveira Cerqueira Fortes Rafael Ângelo dos Santos Leite Polyana Carvalho Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
FORMAÇÃO DE EDUCADORES E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CONTEMPORANEIDADE	
Benjamim Machado de Oliveira Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL	
Talita Aparecida de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
FORMANDO PARA A DOCÊNCIA: UM PROCESSO DE INVESTIMENTO NA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
Isadora Ribeiro Ibiapina	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
GESTÃO DEMOCRÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA FERNANDO RODRIGUES DO CARMO EM SANTANA-AP	
Elivaldo Serrão Custódio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
GESTÃO EMPREENDEDORA COMO FONTE DE VANTAGEM COMPETITIVA: UM OLHAR SOBRE O GRUPO SCC	
Inara Antunes Vieira Willerding	
Roberto Rogério do Amaral	
Édis Mafra Lapolli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210712</b>	
<b>EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM FOCO - PARTE II</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>156</b>
GESTÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS FRENTE A IMPLEMENTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA PROVA BRASIL	
Wanessa Vieira Modesto	
Ana Kely Martins da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>172</b>
INFORMÁTICA BÁSICA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Claudemir Cosme da Silva	
Renata Makelly Tomaz do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>181</b>
JOÃO ALFREDO E A INSTRUÇÃO PÚBLICA NO BRASIL IMPERIAL	
Cíntia Farias	
Alberto Damasceno	
Suellem Pantoja	
Viviane Dourado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210715</b>	

**CAPÍTULO 16 ..... 190**

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

Silvanete Pereira dos Santos  
Maria Onilma Moura Fernandes (In memoriam)  
Sheila de Fatima Mangoli Rocha  
Felipe Aleixo

**DOI 10.22533/at.ed.05020210716**

**CAPÍTULO 17 ..... 204**

MÁQUINA DE ONDAS ESTACIONÁRIAS DE DUAS FONTES

Guilherme Tavares Tel  
Gabriel Felipe de Souza Gomes  
Gabriel Tolardo Colombo  
Luana Gonçalves  
Paulo Vitor Altoé Brandão  
Marcos Cesar Danhoni Neves

**DOI 10.22533/at.ed.05020210717**

**CAPÍTULO 18 ..... 211**

O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE NUMA PERSPECTIVA AUTOBIOGRÁFICA

Tuany Inoue Pontalti Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.05020210718**

**CAPÍTULO 19 ..... 220**

O HERÓI DOCENTE: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Roseli Vieira Pires  
Kátia Barbosa Macêdo  
Anna Flávia Ferreira Borges

**DOI 10.22533/at.ed.05020210719**

**CAPÍTULO 20 ..... 234**

O OLHAR ACADÊMICO/PIBIDIANO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior  
Antonio Avelar Macedo Neri  
Maria das Dores Alexandre Maia  
Mayara Barros Bezerra  
Oscar Soares de Araújo Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.05020210720**

**CAPÍTULO 21 ..... 245**

O PAPEL ARTICULADOR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NO SERVIÇO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO

Selma Marquette Molina  
João Clemente de Souza Neto

**DOI 10.22533/at.ed.05020210721**

**CAPÍTULO 22 ..... 257**

O PAPEL DO APEGO NO PROCESSO DE INSERIMENTO DA CRIANÇA NA CRECHE

Nathália Ferraz Freitas  
Sorrana Penha Paz Landim  
Cinthia Magda Fernandes Ariosi

**DOI 10.22533/at.ed.05020210722**

**CAPÍTULO 23 ..... 266**

O PÁTIO ESCOLAR E OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: PROJETOS EDUCACIONAIS DESENVOLVIDOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO – CAICÓ/RN

Aline Kelly Araújo dos Santos  
Joseane Alves Vasconcelos

**DOI 10.22533/at.ed.05020210723**

**CAPÍTULO 24 ..... 274**

O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO SITUACIONAL COMO METODOLOGIA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR

Lidnei Ventura  
Klalter Bez Fontana  
Roselaine Ripa

**DOI 10.22533/at.ed.05020210724**

**SOBRE OS ORGANIZADORES..... 285**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 287**

## O HERÓI DOCENTE: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Data de aceite: 01/07/2020

### **Roseli Vieira Pires**

Doutora em Psicologia pela PUC-GO; Mestre em Desenvolvimento Organizacional pela FACECA-MG; Estágio Pós-Doutoral pela PUG-GO; Estágio Pós-Doutoral pela UFG; Professora da Universidade Estadual de Goiás; Professora do Instituto Aphonsiano de Ensino Superior  
<<http://lattes.cnpq.br/0226402686714411>>

### **Kátia Barbosa Macêdo**

Doutora em Psicologia pela PUC-SP; Mestra em Educação pela UFG; Estágio Pós-Doutoral pela UNICAMP/CNAN; Professora Titular da PUC-GO; Master em Psicologia Aplicada a las Organizaciones pela EAE de Barcelona; Psicanalista pela IPA  
<<http://lates.cnpq.br/6558782387284931>>

### **Anna Flávia Ferreira Borges**

Doutoranda em Educação pela UFG; Mestra em Psicologia pela PUC-GO; Especialização em Serviço Social pela UNB e Gestão de Pessoas pela FGV; Assistente Social com experiência na área organizacional  
<<http://lates.cnpq.br/8076577779355815>>

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados de um estudo que teve como objetivo analisar o trabalho dos docentes de uma instituição de ensino superior, com base nos contributos da Psicodinâmica do Trabalho. O artigo traz

um breve histórico da educação no Brasil e da cultura organizacional. O método utilizado foi o prescrito por Dejours, percussor da Psicodinâmica do Trabalho, o qual inclui a realização de discussões coletivas. A amostra contou com a participação de oito docentes do curso de Direito. Os resultados encontrados demonstram que as transformações na educação brasileira, nos últimos anos, trouxeram novas demandas, acúmulo de funções e novas formas de estrutura organizacional. Esses fatores indicam sobrecarga de trabalho que impacta na organização, condições e relações de trabalho, exigindo dos docentes uma carga psíquica exaustiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docentes. Psicodinâmica do Trabalho. Instituição de Ensino. Trabalho.

### THE TEACHING HERO: THE CHALLENGES OF HIGHER EDUCATION

**ABSTRACT:** This scientific article presents the results of a research that aimed to analyze the work of teachers in an academic institution, based on the contributions of psychodynamics of the work. The article presents a brief history of education in Brazil and of the organizational culture. The used method was prescribed by Dejours, a precursor of the psychodynamics of

the work, which includes holding collective discussions. A sample consists of the participation of eight professors from the Law course. The results found demonstrate that the transformations in Brazilian education, in recent years, brought new demands, accumulation of functions and new forms of organizational structure. These factors consider a work overload that impacts the organization, conditions and work relationships, demanding from teachers an exhaustive psychic load.

**KEYWORDS:** Teachers. Psychodynamics of the work. Educational institution. Work.

## 1 | O TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO

Os docentes têm um papel fundamental na educação e no processo de transformação da sociedade. Ser professor não é somente ministrar aulas; sua atuação é também um exercício cultural e social (HAMZE, 2013).

A educação das classes populares deu origem a um complexo debate a respeito de como organizar o sistema nacional de ensino, o qual tinha por objetivo organizar o ensino fundamental de forma padronizada e coerente, para atender um grande número de crianças (SOUZA, 2006).

Segundo Pereira, Felipe e França (2012), alguns aspectos como a obrigação escolar, a responsabilidade estatal pelo ensino público, a secularização do ensino e da moral, se deram por conta da escolarização em massa, iniciada no final do século XIX. Hilsdorf (2005) salienta que no período de implantação da educação em massa, apesar da escola pública ter como objetivo principal a de educar uma grande população, a mesma não fornecia ensino a toda sociedade, uma vez que esta modalidade de escola era oferecida nos moldes das elites cafeicultoras da época quando visavam normatizar apenas os movimentos populares que reivindicavam instrução pública.

Ainda de acordo com Pereira, Felipe e França (2012), no decorrer da história, o ensino público básico no Brasil se alterou com a proposta de organização curricular e administrativa, com a implantação dos grupos escolares que aplicavam o ensino de forma fracionada. Essa modalidade de surgiu primeiramente na Europa e nos Estados Unidos. Segundo Saviani (2006), no Brasil, esse modelo de escola elementar foi criado inicialmente em São Paulo, e teve como base o projeto educacional republicano, o qual entende que os pré-requisitos para o processo nacional é o desenvolvimento intelectual e moral.

De acordo com dados do Ministério da Educação e Cultura (Brasil, 2017), o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, a educação oficial no Brasil começou em 15 de outubro de 1827, com um decreto imperial de D. Pedro I, que determinou que “todas as cidades tivessem suas escolas de primeiras letras”.

O acesso à educação, porém, ainda era muito restrito na época do Império. Apenas famílias ricas tinham condições de contratar professores para educar seus filhos. Os profissionais ou atuavam em escolas privadas ou vendiam conhecimento de forma

independente (BRASIL, 2017).

Somente a partir dos anos 1930, com o surgimento dos grupos escolares, foi que o ensino público gratuito passou a se organizar e atender mais alunos. Então, o poder público passou a se responsabilizar efetivamente pela educação das crianças. Assim, houve expansão dos grupos escolares e as primeiras escolas de formação superior de professores em licenciaturas surgiram.

Dessa maneira, o professor se constituiu como profissão graças à intervenção do Estado que substituiu a Igreja como entidade de tutela do ensino. Assim, a mudança complexa no controle da ação docente adquiriu contornos muito específicos em Portugal, devido à precocidade das dinâmicas de centralização do ensino e de funcionalização do profissional docente, conforme Nóvoa (1992). Nesse sentido, Hamze (2013) afirma que a formação dos educadores não se baseia apenas na racionalidade técnica, que também atuam como executores de decisões alheias, formando cidadãos com competência, habilidades e capacidade de decidir por um país melhor.

Diante desse cenário, Freitas (2013, p. 46) diz que o trabalho docente reflete, na sua saúde, as mudanças no contexto do trabalho, aliadas aos novos modelos de educação no Brasil e que afetaram as condições de trabalho deste profissional, principalmente no que diz respeito a sua “sobrecarga de trabalho e a desvalorização social que compromete a saúde física e psíquica desses profissionais”.

## **2 | A CULTURA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO**

Toda empresa traz consigo suas características desde seu nascimento. Características essas que vêm da filosofia dos chefes, gestores ou diretores, e que acreditam ser o melhor para a atividade organizacional. Todo esse jeito de ser da empresa, incluindo outras regras, normas responsáveis pela organização dos processos e pessoas e forma a cultura organizacional que pode ser melhor definida como:

Um fenômeno dinâmico que nos cerca em todas as horas, sendo constantemente desempenhada e criada por nossas interações com outros e moldada por comportamentos de liderança, é um conjunto de estruturas regras e normas que orientam e restringem o comportamento (SCHEIN, 2009, p. 01).

A partir dessa noção, entende-se, então, que a formação da cultura não está ligada de forma isolada à organização, mas também é influenciada por hábitos dos colaboradores que a compõe. As normas, crenças e valores a princípio vêm do topo da hierarquia, sendo repassadas aos que ingressam na organização, mas, aos poucos, as pessoas também influenciam na modificação dessa cultura dentro do ambiente.

A cultura implica estabilidade, enfatiza demonstrações conceituais e aglutina, fazendo com que o grupo seja levado em direção ao consenso; é o resultado de suas ações que são compartilhadas pelos grupos e recebe influência do contexto cultural onde



está inserido (MACEDO; PIRES, 2006).

Assim, há uma via de mão dupla na interação entre empregado e empresa para a construção da cultura organizacional. A filosofia e o jeito de ser da empresa podem predominar, mas os empregados também participam da composição da cultura.

Silva (2002, p. 421) afirma que “cultura reflete as visões comuns sobre o modo como às coisas são feitas por aqui, na organização.” Por isso as pessoas têm estilo de vida diferente, mas quando passam a viver em grupo surgem normas e valores com o objetivo de estabelecer o comportamento para que tenham uma convivência melhor (LUZ, 2003).

Essa convivência foi estudada por Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), e abriu caminho para compreensão dos fatores psicossociais, principalmente no que se relaciona ao desempenho do trabalhador e da cultura organizacional que impactam a saúde do trabalho.

Para Dejours (1999), o trabalho é para o trabalhador uma forma de afirmar sua identidade e o trabalho coletivo é visto como fator de desenvolvimento, de progresso, sendo o individual fator de realização pessoal, como forma de realizar experiências de superação, de abertura de pensamento, de completude.

O trabalho como parte do mundo externo ao sujeito e ao seu próprio corpo e relações sociais, representa fonte de prazer ou de sofrimento, desde que as condições externas oferecidas atendam ou não à satisfação dos desejos inconscientes.

Nessa perspectiva, Dejours (1992; 1999; 2007; 2009) ressalta a importância de considerar as diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real. O primeiro está relacionado a um trabalho que impõe e se traduz no planejamento, objetivos das tarefas, definição de regras comportamentais, estabelecimento de normas e procedimentos técnicos, estilos de gerenciamento, pressões e regulamentos do modo operatório. O segundo, o trabalho real, representa aquilo que, na experiência do trabalho, se dá a conhecer ao sujeito por sua resistência ao domínio, competência, conhecimento e até ciência.

Fleury e Macêdo (2015) esclarecem que há uma defasagem entre o trabalho prescrito e o real; essa defasagem faz com que os trabalhadores utilizem recursos para ajustar o prescrito o mais perto possível do real, e caso não haja essa possibilidade, o trabalhador experimenta sentimentos de realização de um trabalho abaixo do que ele poderia fazer. Esse fato contribui para aumentar sua insatisfação e, conseqüentemente, sua vulnerabilidade psíquica.

Dejours (2004) pesquisa a vida psíquica no trabalho há mais de 40 anos, tendo como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer. Constituindo, assim, a abordagem científica da Psicodinâmica do Trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho está relacionada diretamente ao processo de saúde e adoecimento, que se dão por conta das vivências de prazer e sofrimento na atuação

e busca pelo entendimento que proporcionam a motivação do trabalhador. Uma de suas características é o foco na coletividade. Após avaliar o grupo e diagnosticar o sofrimento psíquico em situações dentro da organização, a mesma busca intervir na forma de trabalho à qual os indivíduos estejam submetidos.

A Psicodinâmica do Trabalho tem, também, por referência fundamental, os conceitos ergonômicos de trabalho prescrito (normas e procedimentos a serem seguidos) e de trabalho real (a realização em si de uma atividade). De acordo com estudiosos, é no espaço entre o trabalho prescrito e o real que pode ocorrer ou não a sublimação e a construção da identidade no trabalho.

De acordo com Dejours (1987), as categorias da Psicodinâmica do Trabalho estão organizadas em duas categorias: a organização do trabalho compreende: condições de trabalho e relações de trabalho e a mobilização subjetiva. Para fins desse artigo, será abordada a Organização do Trabalho, aplicada ao contexto dos docentes de uma instituição de ensino superior. Para compreender as contribuições da Psicodinâmica do Trabalho nos processos de prazer e sofrimento é necessário pontuar que a organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho estão articuladas, uma vez que se referem à gestão da organização.

Fleury e Macêdo (2015) ressaltam que a organização do trabalho e suas prescrições definem os destinos que o sofrimento do trabalhador trará, podendo tornar-se criativo ou patogênico, dependendo da margem de negociação entre suas imposições e a realidade do trabalho. Isso porque a organização do trabalho pode interferir diretamente no funcionamento psíquico do trabalhador; revela-se, deste modo, que certas organizações são perigosas para o equilíbrio psíquico e que outras nem tanto.

E essas categorias da organização no contexto do trabalho podem ser aplicadas na compreensão das subjetividades mobilizadas nas vivências do fazer docente.

### **3 | COMO SE ORGANIZA O TRABALHO DOCENTE**

A organização do trabalho é possível através da divisão e descrição de cargos. De acordo com Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), a organização do trabalho compreende o modo operatório prescrito e a divisão das pessoas, ou seja, a repartição das responsabilidades, hierarquias, controle, entre outros.

Segundo Dejours (1997, p. 42-43) a definição do trabalho é apresentada em duas formas: a primeira refere-se ao trabalho como uma “atividade útil coordenada”, nos aspectos operacionais. Mais adiante, a definição é ampliada e diz que o trabalho “é a atividade coordenada desenvolvida por homens e mulheres para enfrentar aquilo que, em uma tarefa utilitária, não pode ser obtido pela execução estrita da organização prescrita.”

Nesse contexto, o trabalho deixa de ser apenas um meio de troca de valores e passa a ser reconhecido como um estilo de vida, que trará uma posição para o indivíduo

perante a sociedade; tal posição se dará por conta do exercício de determinada profissão. Levando em consideração as afirmações supracitadas, percebe-se então que o modo pelo qual o trabalho será executado está diretamente ligado à divisão das tarefas. Dessa maneira,

Na organização do trabalho, a divisão das tarefas é que conduz os indivíduos aos trabalhos a serem executados (...). É por intermédio da divisão das tarefas que se caracteriza a divisão dos homens, a hierarquia de supervisão, de comando, que define e codifica todas as relações de trabalho (PIRES, 2011, p. 95).

Segundo Mendes *et al.* (2010, p. 81) “o trabalho prescrito corresponde ao que antecede a execução de uma tarefa”, ou seja, são normas e procedimentos a serem seguidos para a realização de uma atividade dentro do cargo exercido, mais adiante, os autores continuam “é fonte de reconhecimento e de punição para quem não obedece”. Dessa forma, o trabalho prescrito é ditado pela organização e corresponde a diversos níveis hierárquicos.

Já o trabalho real é apresentado por Pires (2011) como aquele que tem por função dar vida ao trabalho prescrito. Entende-se então, que no trabalho real o colaborador é responsável por colocar em prática as normas e procedimentos ditados no trabalho prescrito.

Dejours (2016) afirma que existe uma discrepância entre trabalho prescrito e trabalho real. Esta afirmação se dá por conta de que nenhuma regra ou procedimento é capaz de atender todas as situações que podem ocorrer no momento da realização do trabalho. Dessa forma, a realidade do trabalho se torna muito complexa, pois é o trabalhador que tem que agir como intermediador e lidar com os imprevistos que podem ocorrer entre o trabalho prescrito e o real. A prescrição, caso seguida à risca, inviabiliza o trabalho (DEJOURS, 2016). Portanto, a organização do trabalho é um processo de negociação entre quem organiza e quem executa determinada atividade. Dentro da organização do trabalho, o autor também estabelece as condições de trabalho, abordadas a seguir.

#### **4 | QUAIS AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E COM AS QUAIS OS DOCENTES SE DEPARAM?**

Como condição de trabalho, entende-se o conjunto que envolve o ambiente físico (temperatura, pressão, barulho), as condições de higiene e de segurança e as características ergométricas do local de trabalho. O alvo é o corpo do trabalhador, o que lhe ocasiona desgaste, envelhecimento e doenças.

Para Dejours (1992), quando se é abordada a questão ergonômica do trabalho, está se referindo, indiretamente, ao conflito existente entre o empregado e a organização do trabalho, uma vez que o conteúdo ergonômico resulta na divisão do trabalho. O objetivo é que a organização do trabalho proporcione condições ao trabalhador para realizar sua

tarefa.

Além da questão ergonômica do trabalho, a caracterização do fator humano, em termos de recursos humanos, é pertinente para as análises do trabalho dos professores: o conceito de técnica remete, essencialmente, às habilidades que implicam no uso da fala e do corpo no trabalho, estando esses usos relacionados diretamente a uma intencionalidade física ou atividade de pensamento que passa para o corpo o papel de executor, e coaduna com a teoria de Dejours (2005), sendo o humano que estabelece as relações de trabalho.

## **5 | RELAÇÕES DO TRABALHO**

Trabalhar não é apenas exercer atividades produtivas, mas também conviver (DEJOURS, 1999). Conforme esse autor para que se tenha um ambiente de trabalho prazeroso é necessário que tanto as qualidades profissionais quanto as pessoais caminhem lado a lado e em perfeita harmonia.

De acordo com Dejours (2004; 2016), por meio do aprimoramento teórico e das experiências vividas, a teoria Psicodinâmica do Trabalho cria o modelo de homem como um ser que pensa, interpreta, reage e organiza sua relação com o trabalho. E para encontrar o equilíbrio no trabalho, é necessário que o colaborador exerça atividades que lhe permitam encontrar prazer na sua função, pois as pressões advindas do trabalho podem levar ao desequilíbrio da saúde mental do trabalhador.

Sob esta perspectiva, emerge o questionamento em relação ao ambiente de trabalho vivenciado pelos docentes nas instituições de ensino. A instabilidade e a insegurança concorrem para a insatisfação tantas vezes percebida em meio a essas categorias profissionais, principalmente no Brasil.

Para Heloani e Lancman (2004, p. 12), “Aprender e compreender as relações de trabalho exige mais do que uma simples observação, mas, sobretudo, exige uma escuta voltada a quem executa o trabalho, pois este implica relações subjetivas meio evidentes que precisam ser desvendadas”.

Nessa lógica, Macêdo (2008) pondera que o profissional pensa em sua relação de trabalho e atribui um sentido às situações, mas isto depende das condições socioeconômicas oferecidas; logo, em contrapartida, as situações de trabalho modificam as percepções desse trabalhador de si mesmo, dos outros e do próprio trabalho.

## **6 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O método preconizado na Psicodinâmica do Trabalho prevê uma série de etapas que servem de norteadores para o trabalho de campo (DEJOURS, 1999; 2009). Descreve-se a seguir as principais etapas previstas nesse método que já foi exaustivamente descrito

em português no anexo constante do livro “A Loucura do Trabalho” (DEJOURS, 1992).

### **6.1 A demanda e sua constituição: a fase da pré-pesquisa**

Para a construção do estudo, parte-se de dois pressupostos essenciais: o voluntariado dos participantes e a concordância da instituição para a realização da enquete ou pesquisa. Essa fase caracteriza-se por criar condições objetivas para realizar a pesquisa, apresentar e difundir os princípios da Psicodinâmica do Trabalho e da pesquisa entre os trabalhadores, identificando voluntários interessados em participar das demais etapas e organizar os grupos.

### **6.2 A enquete ou a pesquisa propriamente dita**

Nessa fase, procura-se criar um espaço coletivo de discussão que favoreça a verbalização dos trabalhadores. Os pesquisadores estarão atentos ao conteúdo das falas, ao que é objeto de consenso, às discussões contraditórias, àquilo que emerge espontaneamente ou não, ao que é dito ou omitido em relação a certos temas e às características da organização do trabalho.

Essa fase será subdividida em quatro etapas: análise da demanda, análise do material da enquete, observação clínica e interpretação.

#### **a) Análise da demanda**

A demanda gera a intervenção, por vezes proposta pela direção das empresas ou chefias, nem sempre é a mesma expressa pelos trabalhadores. Nessa etapa, busca-se compreender a demanda do grupo que participa do estudo, tendo como base alguns princípios: entender quem formula a demanda; o que se solicita e a quem a demanda é dirigida. Essa reconfiguração da demanda norteará toda a construção de hipóteses e interpretações a serem formuladas pelos pesquisadores durante o desenvolvimento dos grupos.

#### **b) Análise do material da pesquisa**

O material da pesquisa é resultado das vivências subjetivas expressas pelo grupo de trabalhadores durante os encontros. Esse material é apreendido a partir das palavras e do contexto no qual elas são ditas, das hipóteses sobre os porquês, de como estabelecem as relações com o trabalho, enfim, da formulação que os trabalhadores fazem da sua própria situação de trabalho.

#### **c) A observação clínica**

Nessa fase, os pesquisadores buscam registrar o movimento que ocorre entre o

grupo de trabalhadores e o dos pesquisadores. Trata-se não somente de resgatar os comentários dos trabalhadores ditos em cada sessão, mas também de articulá-los e ilustrá-los para facilitar a compreensão destes quanto à dinâmica específica da pesquisa. Não se trata de resumo do conteúdo das sessões, mas de fazer aparecer ideias e comentários e interpretações, mesmo que provisoriamente formuladas. É um trabalho, então, que consiste em evidenciar e explicitar a trajetória do pensamento dos pesquisadores que conduzem os grupos.

#### **d) A interpretação**

Nessa fase, tendo como base e como pano de fundo a análise da demanda, do material da enquete e a observação clínica, os pesquisadores formularão e identificarão os elementos subjetivos surgidos durante as sessões, buscando lhes dar um sentido. Conceitos teóricos como sofrimento e prazer no trabalho, mecanismos de reconhecimento e cooperação e estratégias coletivas de defesa são ferramentas que permitem dar sentido e explicação ao material produzido durante os grupos. O resultado dessa etapa gera um relatório que deverá ser encaminhado e validado pelo grupo de trabalhadores que participaram da pesquisa.

### **6.3 Validação e refutação do relatório**

Trata-se de um processo interativo de apresentação das interpretações dos pesquisadores, validação da análise, dos resultados e das conclusões da intervenção entre pesquisadores e participantes da pesquisa/intervenção. O relatório final será discutido com o conjunto dos trabalhadores que não participaram diretamente da pesquisa e com a direção da instituição para difundir as interpretações elaboradas no relatório de cada grupo. Em algumas situações pode-se fazer a validação ampliada.

Para a realização deste estudo, o método acima descrito foi utilizado como base para todas as etapas. Participaram do estudo oito professores universitários de uma instituição de ensino superior privada, todos eles do curso de Direito, sendo cinco do sexo masculino e três do sexo feminino; destes um possui idade inferior a 30 anos, cinco entre 30 e 39 anos e dois entre 40 a 49 anos. Dos participantes do estudo, cinco possuem título de Mestre e três possuem Especialização *lato sensu*. Para o estudo foram realizados três encontros para a pesquisa propriamente dita e um para validar os dados, encontros estes de aproximadamente duas horas cada.

A análise dos dados foi feita a partir da análise clínica do trabalho que utilizou a triangulação de juízes, contando com uma psicanalista e duas pesquisadoras.

## 7 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados são inerentes à organização, condições e relações de trabalho dos docentes pesquisados.

Ao descreverem sua organização do trabalho percebeu-se que os entrevistados trabalham em mais de um turno, e existe a necessidade de utilizar o tempo fora da instituição com afazeres como: planejamento de aulas, elaboração e correção de atividades e avaliações. Os entrevistados salientaram que, com a atual rotina de trabalho, surgem sintomas como exaustão e cansaço.

Alguns trechos das respostas dos participantes ilustram esses aspectos:

Trabalho 20 horas semanais na faculdade, e muitas horas a mais em casa planejando, elaborando e corrigindo atividades. Além de outras atividades fora da docência (P1).

Trabalho em tempo integral nos turnos matutino, vespertino e noturno, de forma que o trabalho se torna muito cansativo (P2).

A rotina que tenho é bem puxada, pois trabalho muito no meio da semana e também nos finais de semana, com uma carga horária bastante preenchida (P3).

O fazer docente apresenta uma organização na qual o profissional assume a responsabilidade de desenvolver o seu trabalho em jornadas exaustivas, com rotinas intensas que, quase sempre, só serão finalizadas fora do ambiente de trabalho. No trabalho do docente, as transformações da educação, ao longo da história, modificaram não só sua função como também houve uma demanda de novos compromissos a serem assumidos por ele.

Nesse sentido, a organização do trabalho abrange a divisão de tarefas e das relações, levando em consideração as vantagens e desvantagens do trabalho, bem como o sentimento do trabalhador em relação ao trabalho.

No que se refere às condições de trabalho, os entrevistados disseram que são adequadas para o desempenho das suas tarefas. E estas condições estão relacionadas à estrutura física da instituição e apoio por parte da equipe gestora. Vale destacar que estas estruturas se apresentam de forma adequada de acordo com a realidade da instituição. Contudo, apesar de considerarem a estrutura adequada, há ainda alguns fatores que causam sofrimento ao trabalhador, como exemplo, quadro verde com necessidade de utilização de giz, salas de aula sem ar condicionado e equipamentos insuficientes para todos os docentes.

Alguns trechos das respostas ilustram esses aspectos:

Eu acho aqui muito organizado, tudo aqui é muito organizado, a secretaria, a coordenação a direção é muito organizado (P2).

São adequadas, a estrutura é boa, ma, precisa melhorar em condições de qualidade para o professor. Mudar a questão de quadro, ar condicionado, data show, isso faz diferença para o professor, essa estrutura física é importante, mostra que a faculdade

tem uma preocupação. Isso precisa melhorar (P5).

A faculdade é muito organizada em questão de salas de aula, biblioteca, estrutura, a única questão para mim é o giz, eu sou alérgica, deveria ter pincel, o giz afeta a qualidade do ensino e a vida do professor (P7).

No que concerne à teoria da organização do trabalho, ao ambiente e às escalas de trabalho discutidas à luz da teoria de Dejours (1993) e de Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), é possível observar, por meio dos depoimentos dos professores, que existe prazer em participar desta instituição, os professores se sentem pertencentes a instituição, dadas as oportunidades de acesso e discussão do trabalho, o que muitas vezes não ocorre em outras profissões. No entanto, há o destaque para algumas questões ergonômicas que podem ser melhoradas, e que afetam a saúde do docente. A escuta coletiva permitiu ouvir os trabalhadores que são as pessoas que executam o trabalho, com base nas falas apresentadas, são pequenas mudanças que podem proporcionar melhorias nas condições dos professores entrevistados.

Muitas instituições de ensino procuram proporcionar espaços onde o trabalhador possa descansar em seus momentos livres, como no horário de intervalos de aula, por exemplo. Na fala dos professores ficou evidente que há condições adequadas de trabalho e que o grupo se preocupa em trabalhar em um espaço acolhedor.

No contexto das condições de trabalho dos professores, os fatores que indicam prazer incluem bom ambiente físico de trabalho, condições de higiene do trabalho que resguardam e previnem o adoecimento do trabalhador, bem como segurança do trabalho que são medidas técnicas utilizadas para prevenir acidentes no trabalho.

Já os fatores que causam sofrimento dentro do aspecto de condições de trabalho do professor incluem: melhoria do ambiente físico de trabalho, equipamentos de trabalho inadequado, quadro de giz, falta de ventilação, falta de iluminação, barulho intenso, baixa ou elevada temperatura, entre outros aspectos.

Os professores descreveram suas relações de trabalho como boas, e consideram a instituição pequena, com isso, a comunicação flui melhor, pois têm contato direto com todos os departamentos da faculdade, e isso é um diferencial. Não há cobrança por parte da direção, a coordenação está sempre presente e os colegas de trabalho estão sempre dispostos a ajudar uns aos outros, ou seja, existe a cooperação no trabalho.

Alguns trechos das respostas ilustram esses aspectos:

O diretor geralmente não está muito presente ele não vai cobrar muito, mas tem a avaliação geral da coordenação de cursos e está sempre presente (P6).

Eu gosto do estilo de gestão, nós temos apoio pedagógico, nós temos coordenador de curso que sempre atende na hora todo tipo de problemas com aluno, seja pessoal com o trabalho mesmo, sempre fui atendida e sempre me ajudou a resolver (P8).

Além do grupo da faculdade como um todo, tem o grupo do TCC, as discussões sobre os problemas ocorrem de forma informal, há também o reconhecimento por parte dos alunos (P6).



Mendes e Abrahão (1996) asseveram que para se obter prazer, é preciso que a forma de organização do trabalho, proporcione condições para a pessoa relaxar suas tensões, o que é possível verificar nos trabalhos livremente escolhidos e quando possibilitam o reconhecimento do trabalhador pelo resultado do seu esforço.

A obtenção do prazer está diretamente ligada às condições do trabalho, onde se englobam relacionamentos interpessoais e reconhecimento pelo trabalho prestado.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) afirmam que para encontrar o equilíbrio no trabalho, é necessário que o colaborador exerça atividades que lhe permitam, em sua função, ter prazer, uma vez que as pressões advindas do trabalho podem levar ao desequilíbrio da saúde mental do trabalhador.

As relações de trabalho integram as interações com as chefias imediatas e superiores, com os membros da equipe e outros grupos de trabalho e, por fim, com as interações externas. A importância da relação com o trabalho é a principal referência das pessoas, uma vez que a identidade profissional é fortemente estabelecida na relação profissional.

Vários são os fatores que causam satisfação nas relações de trabalho, como o bom relacionamento interpessoal com a supervisão e com a equipe de trabalho, reconhecimento profissional, e quando o relacionamento com os alunos é prazeroso.

Na assertiva de Dejours (1993), o profissional precisa integrar-se no ambiente do próprio trabalho e sentir-se participe de todos os processos ali realizados, o que constitui, com certeza, o grande diferencial que percebemos no grupo de professores investigados nesse estudo.

Os fatores que causam sofrimento nas relações de trabalho do professor são jornada de trabalho intensa, normas de trabalho, horário rígido, controle de lançamento de diários, orientação de monografia. Observa-se que as normas são necessárias para a execução do trabalho, no entanto, quando elas são rígidas e principalmente quando não são construídas por quem executa o trabalho, os fatores citados exigem grande carga psíquica para o grupo de professores investigados.

## **8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo analisar as vivências dos professores do curso de Direito de uma instituição de educação superior, utilizando as categorias da Psicodinâmica do Trabalho. Na categoria da organização do contexto do trabalho, os dados evidenciaram alguns resultados comuns e indicam que todos os professores realizam outras atividades além da docência. Ainda nessa categoria, os dados mostram que há sobrecarga de trabalho, pois, além de ministrar as horas de aula, existe o exercício de corrigir as atividades proposta, muitos trabalham em tempo integral, com uma rotina árdua e com pouca carga horária para exercício das atividades.

No que diz respeito às condições de trabalho, ficou evidenciado que a estrutura

é boa e adequada para o exercício da docência, existem bons ambientes de trabalho como salas de aula, biblioteca, sala de professores. Porém, há necessidade de algumas mudanças como utilização do quadro com giz e ar condicionado nas salas de aula, ou seja, modernizações na estrutura institucional.

As relações de trabalho são consideradas como boas, por não possuir cobranças da direção; há regras, porém, estas, na visão geral, são necessárias para resolução de problemas. Por fim, observou-se que todos têm outras profissões, mas quando lhes perguntam qual a sua profissão? A resposta é “Sou professor”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Evolução da educação especial no Brasil**. Brasília, DF: Portal do MEC, 2017. Disponível em: <portal.mec.gov.br>.

DEJOURS, Christophe. **Situations du travail**. Paris: Presses Universitaires de France, 2016.

DEJOURS, Christophe. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? **Revista Cult**, São Paulo, v. 12, n. 139, p. 49-53, 2009.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Tradução Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999; 2007.

DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Tradução Maria Irene S. Betiol e Maria José Tonelli. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

DEJOURS, Christophe. **Da Psicopatologia à Psicodinâmica do trabalho**. Brasília, DF: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Tradução Maria Irene S. Betiol e Maria José Tonelli. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DEJOURS, Christophe. **Travail**. Usure mental. De la psychopathologie du travail à la Psychodynamique du Travail, 1993.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990; 1992.

DEJOURS, Christophe. Note de travail sur la notion de souffrance. In: DEJOURS, Christophe. (Org.). **Plaisir et souffrance dans le travail**, (tome 1). Paris: 'AOCIP, 115-123. 1987.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FLEURY, Alessandra Ramos Demito; MACÊDO, Kátia Barbosa. A clínica psicodinâmica do trabalho: teoria e método. In: MACÊDO, K. B. (Org.). **O diálogo que transforma: a clínica psicodinâmica do trabalho**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, p. 95-134, 2015.

FREITAS, Lêda Gonçalves de. **Docentes, seu trabalho e a dinâmica de prazer-sofrimento**. In: FREITAS, Lêda Gonçalves de (Coord.). **Prazer e Sofrimento no Trabalho Docente: Pesquisas Brasileiras**. Curitiba: Juruá, 2013.

HAMZE, Amélia. **Escola Nova e o movimento de renovação do ensino**. 2013, Disponível em: <<http://www.brasilecola.com.br>>.

HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do Trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Prod**. [online], São Paulo, v.14, n.3, p. 77-86, set./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-5132004000300009&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-5132004000300009&script=sci_abstract&lng=pt)>.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Thompson, 2005.

LUZ, Ricardo. **Gestão do Clima Organizacional**. Rio Janeiro: Qualitymark, 2003.

MACÊDO, Kátia Barbosa. **Trabalho dos trabalhadores de arte, entretenimento e lazer: uma abordagem psicodinâmica**. Projeto de pesquisa, Universidade Católica de Goiás, 2008.

MACÊDO, Kátia Barbosa; PIRES, José Calixto de Souza. Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil. **RAP – Revista de Administração Pública**, Rio Janeiro, v. 40, n. 1, p. 81-105, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a05.pdf>>.

MENDES, Ana Magnólia; ABRAHÃO, J. I. A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores: uma abordagem psicodinâmica. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 179-184, 1996. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000144&pid=S1678-971200900040000400015&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000144&pid=S1678-971200900040000400015&lng=en)>.

MENDES, Ana Magnólia; FACAS, Emilio Peres; MELO, Álvaro Roberto Crespo; MORRONE, Carla Faria. **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**, Curitiba: Juruá, 2010.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992. Disponível em: <[www.repositorio.ufsc.br](http://www.repositorio.ufsc.br)>.

PEREIRA, Lílian Alves; FELIPE, Delton Aparecido; FRANÇA, Fabiane Freire. **A origem da escola pública brasileira: a formação do homem**. Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT3%20PDF/ORIGEM%20DA%20ESCOLA%20P%20DABLICA%20BRASILEIRA.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT3%20PDF/ORIGEM%20DA%20ESCOLA%20P%20DABLICA%20BRASILEIRA.pdf)>.

PIRES, Roseli Vieira. **As vivências dos profissionais de uma companhia de teatro em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica**. 236f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2011.

SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SCHEIN, Edgar H. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 109-151.

SILVA, Reinaldo Oliveira da. **Teorias da Administração**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adoção 151, 183

Apego 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem 2, 11, 12, 21, 34, 36, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 69, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 146, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 187, 200, 211, 213, 218, 234, 236, 237, 238, 239, 242, 243, 244, 256, 268, 269, 272, 286

### C

Currículo 6, 7, 10, 18, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 37, 69, 72, 97, 101, 103, 132, 168, 175, 179, 181, 190, 196, 201, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 264, 265, 285

### D

Democratização 11, 118, 124, 136, 142, 163, 164, 239, 274, 275, 276, 277, 278, 280

Desenvolvimento Profissional 211, 212, 214, 215, 218, 219, 285

Desigualdade 20, 21, 98, 100, 103, 104, 107, 111, 199

Direitos Humanos 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 70, 256

Diversidade 1, 2, 3, 4, 5, 13, 19, 68, 88, 97, 98, 100, 138, 153, 193, 249, 283, 284, 285

Docência 24, 37, 38, 41, 50, 93, 94, 109, 116, 117, 120, 122, 124, 125, 164, 191, 195, 196, 197, 201, 202, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 229, 231, 232, 234

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 50, 58, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 244, 245, 246, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275, 277, 278, 280, 282, 283, 284, 285, 286

Educação do Campo 68, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Educação Infantil 1, 2, 3, 4, 5, 13, 15, 133, 195, 199, 218, 258, 260, 261, 264, 268, 274, 275  
Educação Integral 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77  
Educação Sexual 19, 20, 21, 22  
Emoções 65, 103, 104, 107, 108, 109, 111, 114, 115  
Empreendedorismo 143, 144, 145, 146, 147, 152, 154, 155  
Ensino de Sociologia 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37  
Ensino Fundamental 13, 14, 16, 22, 50, 53, 56, 94, 97, 101, 128, 130, 131, 133, 134, 136, 157,  
159, 164, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 194, 195, 216, 218, 221, 268, 274, 275  
Ensino Profissional 38, 43, 44, 59, 62  
Ensino Superior 41, 120, 123, 164, 183, 220, 224, 228, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241,  
242, 243, 244, 285, 286  
Estágio Curricular 25, 33, 35, 116, 123, 125  
Estilos de Aprendizagem 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89  
Estudo de Estatística 19, 20  
Experimento Didático 204

## **F**

Formação de Educadores 18, 93, 196  
Formação de Professores 4, 18, 25, 33, 37, 98, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 179,  
187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 202, 211, 212, 219, 236, 238, 244, 285, 286  
Formação Docente 32, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 192, 195,  
197, 219, 285

## **G**

Gestão Democrática Participativa 128, 129, 130, 132, 133, 139, 141  
Gestão Empreendedora 143, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155  
Gestão Escolar 93, 131, 140, 156, 162, 171, 274, 275, 278, 279, 280, 284

## **H**

História 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 14, 16, 21, 24, 39, 68, 69, 76, 95, 96, 101, 116, 120, 121, 127, 149,  
181, 182, 188, 190, 194, 201, 202, 214, 216, 217, 218, 219, 221, 229, 233, 245, 277, 282, 284, 286

## **I**

Império 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 221, 277  
Informática Básica 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180  
Instrução Pública 181, 182, 183, 184, 185, 221

## **L**

Ludicidade 1

## **O**

Ondas 204, 205, 206, 208, 209, 210

## **P**

Prática Educativa 63, 101, 118, 129, 130, 133, 141, 203, 244, 248, 249, 283

Práticas Avaliativas 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244

Prova Brasil 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171

## **S**

Socioeducação 245, 247, 248, 249, 250, 252, 254

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

# 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

# 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)